

O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 13.

JULHO 1.

1856.

Regnum meum non est,
ex hoc mundo.

CONVENCIDOS de que um povo não pode existir sem moralidade, e dependendo esta na sua maxima parte da boa morigeração do clero, e muito especialmente dos parochos, porisso que estão em mais immediato contacto com os povos, vamos expender neste artigo (com um escriptor moderno) algumas considerações relativas aos deveres, que aquelles teem a cumprir na sociedade.

Nós queremos a virtude sem ostentação, e a religião sem fanatismo.

Não seremos exigentes; conhecemos os homens, e o seculo, e assim trabalharemos por ser claros nas reflexões, que vamos apresentar.

Existe um homem em cada freguezia, que não tem familia, mas que é da familia de todos; que se chama como conselheiro — como testemunha, ou como agente em todos os actos mais sollemnes da vida civil, sem o qual não se pode nascer nem morrer; que tona uma creancinha do seio de sua mãe, e não a deixa senão quando ella se parte para a eternidade; que abençôa o talamo nupcial — o leito da morte, e ultimamente a sepultura: um homem a quem as tenras creancinhas desde as suas fachas infantís até a uma avançada idade se acostumam a amar, a respeitar e a temer, e aos pés do qual os christãos vão depor os seus mais intimos segredos, e as suas lagrimas mais occultas: um homem que é pela sua posição e character o consolador de todas as miserias d'alma e do corpo, e que sente bater a um tempo á sua porta o rico, e o pobre; o rico para ali lançar uma esmola que

ninguem saiba, e o pobre e o emvergonhado para a receber sem córar, um homem que não tendo por assim dizer nenhuma posição social pertence igualmente a todas as clases; ás inferiores, pela sua vida pobre, e muitas vezes pela humildade do seu nascimento, e sempre pela sua qualidade de ministro da religião do crucificado; e ás classes elevadas pela cultura do seu espirito, e pela educação—essa sciencia de elevação dos sentimentos, que a religião de caridade tem inspirado á sua alma; um homem finalmente que sabe tudo; que tem o direito de dizer o que lhe apraz, e de cuja bocca sahem as palavras, que veem cahir sobre todas as intelligencias com a uncção divina, e com todo o imperio de uma fé revelada. Este homem é o parochó — é aquelle a quem está confiado uma porção do rebanho do Senhor. Ninguém mais do que o parochó pôde fazer bem, ou mal aos outros homens, conforme elle desprezar, ou souber cumprir a sua alta missão social. O que é pois o parochó? o ministro da religião de Jezus Christo, encarregado de conservar os seus dogmas, de propagar a sua moral, e espalhar os seus beneficios por essa porção de fieis, que está posta sob sua guarda e cuidados.

Trataremos pois do parochó, como ministro da religião ou conservador dos dogmas do evangelho; como moralista, e ultimamente das suas obrigações para com o governo. Destas fontes nascem os deveres, que elle tem a cumprir, para se tornar digno da sublimidade das suas funcções sobre a terra, e da estima e veneração dos outros homens.

Como ministro pois da religião do crucificado os seus deveres, como parochó, estão fóra do nosso exame.

O dogma, divino por sua natureza e misterioso, como é, imposto pela revelação, e adoptado pela fé fica fóra do alcance da limitada intelligencia do homem. O parochio tem por tanto que ensinar ao seu povo esses dogmas do evangelho; e prega-los sem disso dar conta a ninguem, se não á sua consciencia, e á sua egreja — unica authoridade, que elle reconhece, e considera. Mas nisto mesmo póde o seu ensino utilizar de um modo mais proveitoso ao povo, a quem instrue nos dogmas da religião. Algumas credulidades, e superstições populares se tem confundido e misturado na idade das trevas e do obscurantismo com as altas crenças do puro dogma do christianismo. A superstição é o abuso da fé, e cumpre ao ministro esclarecido da religião, que deve ver com lucidez, e conhecer e apreciar a santidade da doutrina, que ensina, fazer apparecer essa mesma doutrina, tão pura como a fonte donde dimana, e o seu mestre a prégou e ensinou na sua vida de martirio, assim desvia-la das sombras, que se servirão de lhe inutilisar os seus salutaes effeitos. O dever pois do parochio é de fazer cair o abuso da fé, e ellevar as crenças do seu povo á grave e misteriosa simplicidade do dogma christão — á contemplação da sua moral, e desenvolvimento progressivo de suas obras de perfeição. A verdade para ser conhecida não tem necessidade de erro; assim como a luz nada aproveita com as sombras.

Como moralista; os deveres do parochio são mais bellos ainda. O christianismo é uma philosophia divina, escripta de dous modos — Como historia — em a vida e morte de Jesus Christo — como preceito — em as maximas sublimes, que elle ensinou ao mundo. Estas duas palavras do christianismo — o preceito, e o exemplo — acham-se reunidas no novo testamento ou evangelho. O parochio deve ter sempre este precioso livro entre as suas mãos, sempre debaixo dos seus olhos, e sempre no seu coração.

Um bom padre é um vivo commentario deste livro sagrado.

Cada uma das palavras deste livro divino encerra um sentido pratico,

e social, que esclarece, e vivifica a conducta do homem.

Não ha verdade moral ou politica, que não exista em germen n'um ou n'outro verso do evangelho. Os philosophos modernos apenas encontraram um no meio de tantos mil — a philantropia — e esqueceram o resto! Esta nasceu do primeiro e unico preceito, que alli escrevera a mão do filho de Deos — a caridade.

O parochio portanto tem toda a moral, toda a civilisação, e toda a politica, e tem na sua mão a razão de tudo, sempre que tenha diante dos olhos aquelle livro sagrado. O parochio não tem mais que abrir este precioso thesouro, e ler, para espalhar por todos aquelles, que o ouvem torrentes de luz, de sabedoria e de perfeição, de que só a Providencia tem a chave.

Mas á maneira de Jesus Christo, o seu ensino deve ser por meio do exemplo de sua vida, e pela palavra. A sua vida deve, tanto quanto o comporta a fragilidade humana, ser a applicação palpitante e sensivel da sua doutrina. A palavra póde falhar; podia não lhe pertencer esse grande dom de Deos; mas a palavra, que todos ouvem, e por assim dizer, apalpam, é a sua vida regrada e exemplar. Nenhuma lingua humana é mais eloquente e persuasiva, lo que a virtude.

O parochio é tambem o administrador dos beneficios de caridade, e dos sacramentos da sua egreja. Nesta qualidade os deveres, que se impoz, são como os de qualquer outra administração. Tendo de se dirigir aos homens, leve conhecel-os. tem de dirigir-se ás suas paixões e cumpre-lhe porisso ter um tacto fino, e um compasso delicado para medir e calcular com prudencia o que tem a fazer, e os meios de que leve lançar mão, para colher melhor resultado.

Uma das principaes, e talvez a primeira attribuição do parochio é ouvir faltas, arrependimentos, miserias e necessidades humanas; deve por isso ter o coração rico e trasbordando de tolerancia, de misericordia de massidão, de prudencia, de caridade e de perdões:

A sua porta deve estar sempre

aberta, e patente a toda hora áquelle, que o procura; e sempre prompto, e por assim dizer de cajado na mão, para acudir ao lugar, aonde o chamam os seus deveres de pastor.

Para elle não ha estações a temer; não ha distancias a medir, e nem o sol, nem as neves, nem mesmo qualquer violento contagio a recear, quando se trata de levar o perdão ao culpado, e o seu bom Deos ao homem que lucha no leito da dôr entre as agonias da morte.

Não deve conhecer diante de si, como se fôra na presença de Deos, nem rico nem pobre, nem grande, nem pequeno; mas sim homens, isto é irmãos em misérias e esperanças.

E assim como não pôdo recusar o seu ministerio a pessoa alguma, que o procure, deve ao mesmo tempo ser muito prudente, quando o queira impôr aquelles que desdenham d'elle e o desprezam. Mas embora sem resultado, não pôde, como bom pastor, abandonar nunca uma ovelha ao seu mal e ao seu erro, antes procurar sempre até ao ultimo instante, levar á sua alma a luz da creença e as consolações da religião.

Fallaremos por ultimo dos deveres do parochio para com o governo. As suas ligações, neste caso são muito simples. O parochio deve ao governo o mesmo que outro qualquer cidadão; nem mais nem menos; obediencia nas cousas justas.

O parochio não tem paixões nem affeições pro ou contra as formas e os chefes que governam a sociedade. As formas modificam-se, se os poderes mudam de nome, e de mãos; até os reis de um dia para o outro cahem do seu throno! são cousas humanas, passageiros, fugitivas, e de sua natureza contingentes.

A religião porem — governo eterno de Deos sobre a consciencia — está a cima da esphera das vicissitudes e versatilidades politicas. A religião degrada-se, quando se rebaixa ao lodaçal da politica; e o seu ministro deve viver sempre separado de tudo aquillo, que possa nodoar o seu character sacerdotal.

O parochio é o unico cidadão que tem o direito e o dever de ficar neu-

tro nas causas, nos odios, e no meio das luctas de partidos, que dividem as opiniões, e os homens; porque elle é antes tudo cidadão do reino eterno de Deos.

Para elle não deve haver nunca vencedores nem vencidos.

Homem de amor e de paz não pôde prégar senão a paz e o amor entre os homens: discipulo daquelle, que não quiz verter uma gôta de sangue em sua defeza, pois que disse a S. Pedro «mette a tua espada na bainha» deve estar sempre a cima dessas misérias da humanidade.

José Borges Pacheco Pereira.

MONOMANIA D'ACENOS.

Every man in his humour.

— Ben Johnson —

Nos tempos do rei Jacques d'Inglaterra, achava-se n'essa corte um embaixador da Hispanha, sabio de vastissima erudição, mas taciturno e systematico em demasia.

Um dia, dos muitos em que este diplomata fallava a todos ácerca da importancia dos acenos, exagerando sempre sobremodo esta linguagem de communicação, queixava-se o embaixador do modo mais singular ao monarcha britanico, da negligencia que se encontrava por toda a parte na cultura d'este meio linguistico, notando-lhe a falta de não haverem professores especiaes d'esta sciencia importante, e das mais importantes na eschala das que de veras o eram, segundo a intelligencia do diplomata hispanhol. O rei, porem, que se achava de bom humor n'esse dia, voltou-se para o embaixador dos reis catholicos, e asseverou-lhe que tinha nos seus domínios um professor tal como o diplomata desejava: acrescentando que era homem dos mais habéis no assumpto, mas que se achava empregado na mais remota universidade ao norte dos seus estados — na univervdade de Aberdeen — quasi distante de Londres umas 600 milhas.

Sim! — exclama affervorado e maravilhado o embaixador — ainda que fossem 1:000 leguas, havia de percorrelas gostoso. Desejo vel'o: quero fallar-lhe: e amanha mesmo me porci a caminho.

Partiu o embaixador, com effeito, no dia seguinte á conversação: e o rei, que não queria passar por mentiroso na opinião do monomaniaco, fez expedir immediatamente um expresso á universidade, para annunciar-lhe a chegada do viajante singular, e para insinuar aos professores que o acolhessem o melhor possível, procurando meios de o despedirem o mais breve que podessem.

Chegado o embaixador a Aberdeen, foi recebido na academia com a maxima solemnidade pelo corpo cathedratico: e como perguntasse logo com anciedade pelo grande professor d'acenos, responderam-lhe de prompto, que n'aquelle momento se achava elle ausente nas montanhas da Escossia, e se ignorava quando é que regressaria. N'esse caso — disse emphaticamente o embaixador — demorar-me-hei aqui até que volte esse homem singular, ainda que a sua ausencia chegue a durar um anno inteiro.

Conhecendo, pois, os lentes da universidade, que por este meio se não podiam ver livres do diplomatico monomaniaco, e que por muito tempo se verião forçados a *gosar* da companhia de sua excellencia, resolveram então lançar mão d'outro recurso. Mandaram chamar um cortador de profissão que havia na cidade, chamado Geordi, o qual era cego d'um olho, e tinha um genio sobremodo faceto, e o mais apto para representar os mais differentes papeis. Encarregaram-no da *alta* missão de professor d'acenos, instruindo-o do como elle devia conduzir-se com o recomendado do rei: e Geordi se prestou a isso da melhor vontade, prometendo guardar o mais profundo silencio, e não se explicar senão por gestos e accõs!

Passaram-se alguns dias: e advertido o embaixador de ter chegado da sua viagem o professor d'acenos, manifestou uma alegria tão extrema, que quasi se confundia com o delirio: e pediu para fallar-lhe o quanto antes. A' hora aprazada, emboçado Geordi n'uma batina de professor, com uma grande cabelleira, e com todos os ademans d'um encanecido no magisterio, appareceu este professor improvisado a sua excellencia, assentado n'uma cadeira escolar da universidade. Disseram os lentes ao embaixador, que podia explicar-se e entender-se com o homem habilissimo que tinha presente: e deixaram nos a sós a ambos de dois.

O embaixador aproxima-se de Geordi, levanta um dedo para o ar: e Geordi, a este ageno, levanta dois. O embaixador, com um ar embebecido, mostra-lhe então trez dedos: e Geordi, fechando o punho, mostra-lh'o cerrado com o ar mais serio. O embaixador tira da algibeira uma laranja que lhe faz ver: e Geordi tira tambem do bolso um pedaço de pão d'aveia que lhe amostra: e olham-se então reciprocamente com a maior admiração, e com a maior surpresa. E o embaixador, faz-lhe depois uma profunda reverencia, e retira-se para uma sala contigua, na qual os professores reunidos esperavam com impaciencia, e ainda com sua inquietação, o desfecho final d'esta entrevista singular.

Chegado o diplomata á sala, apinham-se os cathedraticos em roda de sua excellencia perguntando-lhe anciosos como é que se dera com o seu collega gesticulador. Ah! — diz o monomaniaco — é um homem admiravel, um homem grande, um homem que vale todos os

thesouros da India. Primeiro, mostrei-lhe um dedo, para significar que não existe senão um Deus: e elle mostrou-me dois, para indicar que d'elle haviam procedido o Filho e o Espirito Sancto. Mostrei-lhe depois trez dedos, para designar que todos trez constituam a Trindade, representada individualmente pelo Padre, pelo Filho, e pelo Espirito Sancto: e elle mostrou-me o punho cerrado, para significar que todos os trez Deuses se encerravam e comprehendiam em um só. Ao depois, fiz-lhe ver uma laranja, para indicar a bondade de Deus, que não só nos liberalisa o necessario para a vida, senão que tambem nos prodigalisa, no sabor variado das frutas, as doçuras e os prazeres que embellezam a existencia: e esse homem admiravel e como milagroso, esse homem extraordinario e como providencial, fez-me ver um boccado de pão, para provar que este é que é o alimento para a vida, o alimento preferivel a todos esses alimentos, que só nos mantem as precisões gastronomicas do luxo e da vaidade.

Encantados os cathedraticos do bom partido que haviam tirado da sua tentativa, apenas se despediram de sua excellencia diplomatica, foram ter-se com Geordi, para ouvirem da sua propria bocca, como é que elle havia encarado e explicado a questão. O vosso embaixador — diz o cortador aberdeenense — é um grande insolente, é o maior dos atrevidos. Primeiramente, amostrou-me um dedo, para me insultar de eu não ter senão um olho: e eu amostrei-lhe dois dedos, para lhe dar a entender que o meu olho só, valia tanto como os seus ambos. O insolente desafiou de novo a minha cholera, levantando trez dedos ao ar, para repetir-me que entre nós ambos não havia senão tres olhos: e eu metti-lhe o punho cerrado aos olhos, irritado pela sua nova ousadia, para dar-lhe a entender, que a não ser pela consideração que mereceis, eu lhe teria arrumado um bom par de sóccos, como é que um tal insolente merecia. Mas o atrevido embaixador não parou ainda n'estes sós insultos que vos aponto. O diplomata hispanhol tira ainda do bolso uma laranja que me apresenta, para me dar a entender, que o meu paiz é uma pobre, miseravel, e frigidissima região, que não é capaz de produzir fructos semelhantes: mas eu, em desforra, e ja quasi fóra de mim, amostro-lhe um boccado de pão, que a Providencia me havia suggerido que levasse, para lhe dar a conhecer, que eu olhava com merecido desprezo para os acepipes, tendo no meu paiz o pão indispensavel para a vida. E estava ja quasi prestes para lhe atirar com elle ao rosto, d'involta com o merecido acepipe d'alguns sóccos, quando o vosso embaixador tomou de prompto a acertada resolução de me fazer uma cortezia, e de me sahir immediatamente da vista para fóra.

Os cathedraticos de Aberdeen riram como perdidos, ao compararem as duas oppostas interpretações do embaixador e do cortador. O

rei Jacques, e os fidalgos da sua corte que o rodeavam, desataram tambem a rir, quando estas noticias chegaram a Londres. E os nossos leitores não se rirão, nem de certo se terão rido menos que os dictos professores e o dicto monarcha, ao passarem pelos olhos este facto curioso que lhes transcrevemos, loucura d'um monomaniaco dos mais extravagantes, d'um monomaniaco da cathogoria de milhares d'ou-
tros que por ali passam a vida abstratos, sem proveito das letras e da sociedade, sem utilidade nenhuma para a patria onde nasceram.

D. Q. D.

DUAS PALAVRAS SOBRE GALLICISMOS

Gloria, gratidão e amor aos que, por si e pelos outros, procurarem repor a nossa lingua — e mais poderosa e senhoril — no throno donde rebeldias de mandriões affrontosamente a derubaram.

A. F. De Castilho.

Continuado do n.º antecedente.

III.

O que mais devem esforçar-se em evitar os escriptores concenciosos é » este *pensar francez* que melhor se entende do que se explica, que não resulta de um ou outro gallicismo que indevidamente se haja introduzido, e que com facilidade se pode corrigir e evitar, mas consiste em tomarmos do francez um modo particular de tecer o discurso, e um certo ar, gosto ou estilo de falar e escrever, que é proprio d' aquella lingua, e que não conforma com a indole, genio e caracter da lingua portugueza (1). »

Desde que uma lingua está formada e bem caracterizada, por meio d' uma litteratura mais ou menos completa, collocar no seu dictionario termos ou formulas avessas ao seu genio, é nada menos que cirzir n'um vestido bem composto remendos d'exquisita côr. Estas são entre nós os gallicismos; Não são porem elles o peor. Esses remendos ainda deixam ao vestido o feitio primitivo; destroem o effeito da sua elegancia, afeitando lhe o exterior aspecto, mas não lhe descompoem a ordem das peças, nem o desajustam do corpo. Mas o caso é já mui-

to outro, quando das palavras se passa ao modo de tecer o discurso dispôr as suas partes, quando desprezando os monumentos litterarios da nossa lingua, se substituem as mais delicadas locuções por grosseiros e enviezados enfeites, quando enfim se pertende attentar directamente contra a sua indole propria. Então não é simplesmente afeiar um vestido, é descozer-lhe as peças retalha-las, para depois, d'envolta com sordidos frangalhos, as recompor sem ordem nem gosto em rediculo vestido de entremez. E nada menos do que isto fazem com effeito á nossa lingua os que se accomodam a esse *pensar francez*, que acima deixo explicado, servindo-me das palavras do Sr. S. Luiz.

Quem, sabendo alguma coisa de portuguez ler os nossos modernos escriptos afrancezados, poderá talvez percorrer periodos e paragraphos inteiros sem encontrar um só gallicismo propriamente dicto; todavia um como desafinado zombirá constantemente aos ouvidos, que lhe hade tornar insupportavel a leitura. Serão portuguezas as palavras que lê, as phrazes e modos de dizer; não as poderá engeitar por alheias de todo, mas enfim alguma coisa lhe desafinará alli, lendo seguidamente e applicando a attenção, em breve conhecerá ser tudo uma linguagem franduna de nenhum valor. Não haverá nella a harmonia, a suavidade, a força, e gravidade da nossa lingua; serão periodos bambos, phrases desencaixadas uma regencia tubia, uma verbosidade sem força nem graça; será finalmente uma francezia desentoada a que alli apparecerá a substituir o portuguez tão cheio, tão sonoro e tão melodioso de nossos bons classicos: apenas um fraco arremêdo do modo de dizer portuguez servirá de tornar aquella algaravia mais desconposta e detestavel. Julgar-se ha, lendo algum discurso composto em tal linguagem, mascavada e barbara, que se assiste a uma musica horrisona, em que pessoas imperitas tocam com entusiasmo instrumentos dezafinados, produzindo uma impressão tanto mais desagradavel quanto mais nos lembremos das arrebatadoras harmonias que a aquellas instrumentos costumam produzir n'outras mãos.

(Continúa.)

(1) Glossario, pag. VIII.

O CAMINHO DO DIABO.

A noite tornara-se muito escura, tinha soado a undecima hora, e Hermengarda ainda se não lembrara de repousar das fadigas do dia. Sabedora da ordem de seu pae, estava tristemente apoiada na janella, e não conservava a mais pequena esperanza; mas ainda assim procurava ouvir algum ruido na montanha. Um silencio profundo reinava ainda; e só as aves agourelas soltavam de quando em quando do simo das torres seus pios sinistros. A lua que ao anouteecer apparecera, havia-se escondido por de traz das nuvens.

De repente, um estrondo espantoso, feriu os ouvidos de Hermengarda: era um rumor surdo e que parecia sahir do fundo do val... mas conheceu logo distinctamente estrepito de alvions e de alabancas, cortando e arrancando rochedos. Ja não lhe resta duvida. São mineiros que abrem a estrada na montanha!

O senhor de Falkenstein, acordado pelo barulho da ferramenta, entra na sala, e grita encolerisado:

— Onde está o desvairado Beppo? I vae desfazer o caminho, e amanha ja não poderemos descer ao val! — Depois chegou-se á janella para ver os mineiros. De repente um furioso furacão, estala com fragor! os portões do castello tremem nos gonzos! no meio do estampido da tempestade, ouvem-se estridentes gargalhadas! Hermengarda assustada abraça-se com o velho barão, que tambem havia perdido a sua afoutez. Ambos balbuciam supplicas. Depressa a borrasca cessara: o barão cujo temor hia dissipando, procura acalmar o terror da filha, dizendo-lhe que o perigo se tinha afastado, que era o caçador nocturno, que atravessara, como por vezes costumava. No entanto permaneceu no quarto da filha, e em pouco tempo adormeceu n'uma cadeira de braços.

Apenas os primeiros raios do sol douravam os plainos de Kronenberg, quando o senhor de Falkenstein é despertado com o trote e relinchos d'um cavallo: surpreendido corre precipitadamente á janella, e vê uma larga estrada aberta na rocha, e o cavalleiro Beppo galopando velozmente no seu corcel. Com difficuldade acreditam o barão, e sua filha o que vêem seus olhos; mas ja não ha que duvidar, é o cavalleiro Beppo! ei-lo se aproxima! . . . lá vai galgar a ponte levadiça!

De repente ouviram-se gargalhadas sobrenaturaes! o caminho falta de baixo dos pés do cavallo! e Beppo tombando-se de rochedo em rochedo, despenha-se no fundo do barranco!

..... Desde longo tempo, o castello de Falkenstein jaz em ruinas; mas o caminho traçado na penedia, ainda hoje existe, e ainda é

conhecido nos nossos dias, de baixo do nome de — Caminho do diabo.

Extr. do Magasin universel.

Fernando Castiço.

Preciosas riquezas que existem no interino depositado da bibliotheca de Braga.

Continuado do n.º 9.

LITTERATURA.

HISTORIA DE PORTUGAL.

Auctores que della escreveram em portuguez.

CHRONISTAS PORTUGUEZES DE VARIAS ORDENS DE PORTUGAL E SEUS DOMINIOS.

- Fr. Agostinho de S. Maria.
- Fr. Antonio Caetano de S. Boaventura.
- Fr. Antonio da Encarnação.
- P. Antonio Franco.
- Fr. Antonio de S. Maria Jaboatam.
- Fr. Antonio da Piedade.
- Fr. Antonio da Purificação.
- P. Balthazar Telles.
- Fr. Belchior de S. Anna.
- Fr. Bernardo de Brito.
- Fr. Estevão de S. Angelo.
- Fr. Fernando da Soledade.
- Fr. Fortunato de S. Boaventura.
- P. Francisco de S. Maria.
- Fr. Francisco de S. Thiago.
- Fr. Henrique de S. Antonio.
- Fr. Jacintho de Deus.
- Fr. João Baptista de S. Antonio.
- Fr. João do Sacramento.
- Fr. José de Jesus Maria.
- Fr. Leão de S. Thomaz.
- Fr. Lucas de S. Catharina.
- Fr. Luiz de Souza.
- Fr. Manoel da Esperança.
- Fr. Manoel de Maria S.^{ma}.
- Fr. Manoel de Monforte.
- P. Manoel de Monteiro.
- Manoel d'Oliveira Ferreira.
- Fr. Manoel de Sá.
- Fr. Manoel dos Sanctos.
- D. Fr. Marcos de Lisboa.
- Sor Maria Benta do Ceo.
- Sor Maria Magdalena de S. Pedro.
- D. Nicolau de S. Maria.
- Fr. Pedro de Jesus Maria José.
- P. Pedro Monteiro.
- Fr. Simão de Vasconcellos.

(37)

N. B.

A alguns que por ventura zombem, ou-

viado fallar em chronicas de frades, pedimos que leiam o *Panorama* vol 3.º de 1839 pag. 5 e 6, onde o snr. A. Herculano, entre outras coisas, diz:

« Para estudar a historia nacional á sua verdadeira luz, aquelles que não podem frequentar cartorios, e decifrar velhos manuscritos, só teem, segundo nos parece, uma fonte, a que recorrer, e onde podem beber alguma sciencia, na materia, e achar rastos da civilisação de qualquer epocha. Consiste este manancial historico nas chronicas dos diversos institutos monasticos.»

Depois de dar a rasão do seu dicto, acrescenta: — «podiamos levar mais longe as reflexões acerca da utilidade historica desses annaes das corporações religiosas, que ignorantes presumidos desprezam, por que para elles só tem merito palavras oucas de philosophantes: mas para sermos acoinhados de retrogradados, já temos culpas de mais. & & »

AO

EGREGIO VIOLINISTA VIMARANENSE,
FRANCISCO DE SÁ NORONHA,
Grandiosamente Applaudido no velho e novo mundo.

(RECITAÇÃO DO AUCTOR).

E tudo, sem mentir, puras verdades.

— Camões —

Salve! Salve! *Noronha*, ó gran' Pugnani
Da patria dos *Ferreiras*, dos *Camões*!
— Salve! Salve! do arco ó *Persiani*,
Da patria dos *Garretts*, e dos *Garções*!

Salve! Salve! do arco ó *Marliani*
Da patria dos *Castilhos*, dos *Malhães*!
Salve! Salve! tu és *Geminiani*,
Da patria dos *Diniz*, e dos *Durões*!

Tu vences nas magias os *Perellis*!
Tu vences na harmonia os *Veracinis*!
Tu vences na mestria os *Locatellis*!

E's mais no arco teu, do que os *Tartinis*!
E's mais *Noronha*, mais do que os *Carellis*!
E's mais, és muito mais que os *Paganinis*!

Braga 1856.

J. J. da Silva P. Caldas.

F. DE SÁ NORONHA.

Onde quer que eu viver, com fama e gloria
Viverão taes louvores em memoria.

— Camões —

Que valem, *Noronha*, riquezas immensas,
Palacios luzidos, pomposos salões?
De nada: — palacios, salões e riquezas
Os louros não deram ao nosso *Camões*.

Se o nome gigante do vate profundo
Revive no mundo com gloria immortal;
Os cantos heroicos, pomposos do *Gama*
Sagraram-lhe a fama d'um genio real.

Agora esse genio, que a patria cantara,
Que a lyra pulsando tão alto subio
Perdeu-se: — que importa? se agora outro genio
Como elle inspirado de novo surgio?

Tu és ó *Noronha* esse genio surgido,
Por todos ouvido com grande emoção!
Tu és, ó *Noronha* esse filho da gloria,
Que aos fastos da historia dás mais um brasão.

A. M. da Fonseca,



F. DE SÁ NORONHA.

Noronha! não venho trançar-te grinaldas,
Não venho chamar-te, nem genio, nem rei!
Agora, meus versos, de luto vestidos,
Na lyra tangidos saudosos tirei.

Eu sei que tu deixas a patria querida
Que vais longes terras de novo correr!
A gloria, lá fora te acena risonha
Avante, *Noronha*, mais louros colher!

Mas ouve um pedido, pedido innocente
Que deve seguir-te dos mundos alem
Lá quando outro povo te cante a victoria
Reparte essa essa gloria co'apatria tambem.

Não julgues, que o mundo lá fora não sabe
O nome que *Lysia* ja teve e não tem...
Lá está *Molabar*, e *Ormuz* a captiva...
Ceylão que t'o diga, *Mombaça* tambem.

Pergunta a *Melinde*, que sustos não teve
Se o ferro dos *Lusos* por si lampejou...
Cochim, que t'o conte, mais *Dio* famosa
E *Goa* formosa que o mundo invejou

O mundo lá fora, inda ouve com 'spanto,
Fallar em *Viriato*, *Espadeiro*, e *Moniz*...

Ao nome d'um Mendes da Maia valente
A fronte potente lhe verga a cerviz.

E quando mil nomes na historia saltassem
Um só bastaria . . . bastava Camões
O homem, que a fome, o desprezo inspirara
O mundo o aclamara o = seu rei nas canções.

Mas basta, Noronha = eu sei que nos deixas
Que vais longes terras de novo correr,
A gloria, lá fora, te acena risonha
Avante, Noronha, mais louros colher.

Adeus . . . que esta corda pulsada na lyra
Deixei-a ao impulso da môr vibração
E a corda vibrando te manda um gemido
Bem longo, sentido, co'meu coração

Fernando Castiço.

Explicação da charada do n.º antecedente

= ALIMARIA. =

CHARADAS.

1 { Se tal crime horrendo e feio
Te culpou ó desgraçada!
Não te vále a innocencia;
Assim mesmo és condemnada!

1 { Mas a angustia tal seria
Com mil outras comparada,
Se uma vóz tremenda e forte,
Repetisse = estás culpada!

1 { Então dos homens fugindo
P'ra remota solidão —
Ali vou viver auzente,
Entregue ao meu coração.

CONCEITO.

Horas do triste na angustia
No insómnio leito velava!
Procurei somno e descanço,
Não sei que luz m'acordava!

Tinto de sangue um cadaver?!
Trêmo de vê-lo! d'horror!
Succede a um grito que dou —
Expansão d'eterna dôr!

Levanto-me — quero fugir —
Prende-me o espectro da morte!
Na mão reluz'lhe um punhal!
Agoura-me triste sorte!

'Stremêço á vóz que me segue
A lembrança do meu crime —
Fugio-me o descanço e o somno

Nova lembrança me opprime!

2 { Procurem-me nas receitas,
Que em algumas me hão-d'achar.
Dobrem-me a lettra do meio,
Nas Damas nie hão-de encontrar
Por isso que alguma d' ellas.
Assim se ha-de chamar.

2 { Sou n' um systêma de pèzos.
A principal unidade;
Mas tirando-me uma lettra.
Fico planta na verdade,
Planta que em Medicina,
E' de grande utilidade.

CONCEITO.

Nem de todas as palavras,
Todos me podem compôr;
E' força tenham sentido,
Seja o sentido qual fôr:
De contrario nada digo,
Quando me fôrem transpôr.

A. Pereira d'Araujo.

EXPEDIENTE.

O *Murmurio* publica-se no dia 1.º e 15 de cada mez.

Preço da assignatura — por anno 960 — com estampilhas 1080. Por semestre 480 — com estampilhas 540. — Trimestre 240 — com estampilhas 270 — avulso 50 reis.

Este jornal assigna-se no Porto, em casa do illm.º snr. Apparcio Augusto da Cunha Sampaio, rua das Flores.

Em Valença na casa do illm.º snr. Antonio José do Cruzeiro Seixas, rua Nova, n.º 21.

Em Villa do Conde na casa do illm.º snr. José Antonio da Cunha, rua de S. Bento.

Rogamos aos snrs. assignantes de fóra da cidade que se acham em debito a esta redacção, tenham a bondade de mandar satisfazer, pelo seguro do correio ou por onde melhor lhes convenha. E n'aquellas terras onde temos correspondentes se dirijam a elles.